Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia

Biblioteca Durkheimiana, 2

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Marco Antonio Zago
Vice-reitor Vahan Agopyan

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

COMISSÃO EDITORIAL
Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Carlos Alberto Barbosa Dantas
Chester Luiz Galvão Cesar
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Mayana Zatz
Tânia Tomé Martins de Castro
Valeria De Marco

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Téc. Div. Editorial Cristiane Silvestrin

HENRI HUBERT

Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia

(Edição Bilíngue e Crítica)

Organização e Edição

RAFAEL FARACO BENTHIEN

MIGUEL SOARES PALMEIRA

RODRIGO TURIN

edusp

Copyright © 2016 by Organizadores

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento
Técnico do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP.
Adaptada conforme normas da Edusp.

Hubert, Henri, 1872-1927.

Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia / Henri Hubert ; organização e edição Rafael Faraco Benthien, Miguel Soares Palmeira, Rodrigo Turin. Edição bilíngue e crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

160 p., il.; 21 cm. (Biblioteca Durkheimiana, 2)

Inclui biobibliografia, índice temático e índice onomástico.
ISBN 978-85-314-1596-8

1. Religião (Sociologia). 2. Tempo. 3. Magia. 4. Rituais religiosos. 5. Hubert, Henri, 1872-1927. I. Benthien, Rafael Faraco. II. Palmeira, Miguel Soares. III. Turin, Rodrigo. IV. Título. V. Série.

CDD 301

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2016

Foi feito o depósito legal

Para Francisco Murari Pires

Apresentação da Coleção

SERGIO MICELI

A iniciativa da Biblioteca Durkheimiana revela a saudável ambição de uma nova geração de pesquisadores brasileiros. Além de traduções caprichadas de textos da Escola Sociológica Francesa, os organizadores planejam edições críticas e bilíngues. Tal intento consiste em restituir, em primeiro lugar, a história do texto, confrontando, se necessário, as várias edições publicadas pelo autor em vida. O aparato crítico inclui um dossiê de artigos produzidos por especialistas e anexos documentais pertinentes (resenhas, cartas etc.). O leitor é instigado a assumir uma resposta calibrada, averiguando as escolhas dos tradutores e tendo à disposição instrumentos para ir além.

Outro ponto digno de nota é o resgate de integrantes menos conhecidos dessa "Escola". Embora reconhecessem Émile Durkheim como patrão e patrono, os *durkeimianos* lograram posição destacada no seio da Universidade Francesa da época por meio de um trabalho coletivo, dimensão a ser resgatada, em vez da redução frequente desse experimento intelectual aos chefes de escola. Evocar novos nomes, bem como trazer à tona outras facetas das figuras já conhecidas, permitirá certamente uma visão mais abrangente e circunstanciada do grupo e de seus integrantes.

A Biblioteca Durkheimiana recusa a visão uniforme e chapada de uma tradição intelectual. Longe de catequizar, vendendo o "clássico" como conjunto de fórmulas no atacado, ela enxerga certa tradição intelectual como objeto de investigação. Àqueles brindados por esse manancial caberá a crítica da herança recebida, o que não dispensa autocrítica.

Nota dos Coordenadores da Coleção

RAFAEL FARACO BENTHIEN
RAQUEL WEISS

A Biblioteca Durkheimiana é uma iniciativa do Centro Brasileiro de Estudos Durkheimianos (www.durkheim-br.org). Trabalhando em sintonia com o British Centre for Durkheimian Studies (Inglaterra), o Laboratoire d'études durkheimiennes (Canadá) e o Centre for the Study and Documentation of Religions and Political Institutions in Post-Secular Society (Itália), tal centro tem por finalidade promover uma reflexão crítica acerca da Escola Sociológica Francesa, agregando, para isso, estudantes e pesquisadores de diversas áreas – sociólogos, filósofos, antropólogos, cientistas políticos, historiadores e linguistas. A presente Coleção é um dos meios para atingir essa finalidade.

Tentando fugir do molde de uma tradução pura, a Biblioteca Durkheimiana propõe aos públicos brasileiro e internacional edições bilíngues e críticas de textos pouco conhecidos ou já esgotados. Importa aqui, sobretudo, fugir da ideia de um texto unívoco, sedimentado na voz traduzida do autor, e, enfim, "clássico". Afinal, nada mais perigoso para as ciências sociais que a celebração de uma tradição que vende fórmulas prontas para serem aplicadas. Os textos têm uma história, a qual se manifesta em seu próprio corpo (nas modificações engendradas por seus autores), nos suportes em que foram publicados (revistas, livros) e nas reações que vão aderindo ao original, tal qual um palimpsesto. É nesse cruzamento de diversas temporalidades, invariavelmente influenciado por contingências do momento, que é preciso situar-se para construir uma visão equilibrada e ponderada do que se lê. Eis aí o motivo para termos preservado o original com sua paginação (o que permite uma autonomia do leitor quanto à tradução), inserido anexos de época associados ao texto principal e, enfim, encomendado artigos de especialistas.

Agradecimentos

Os organizadores expressam aqui sua gratidão a todos aqueles que, direta ou indiretamente, viabilizaram a publicação deste volume: Gérard Hubert, Étienne Hubert, André Laks, Christine Lorre, Dominique Merllié, Sergio Miceli, Francisco Murari Pires, Raquel Weiss, Fernando Lajus e a Editora da Universidade de São Paulo.

Sumário

1. Apresentação do Volume 17

2. Nota sobre a Tradução e o Aparato Crítico 25

3. *Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia* (Edição Bilíngue e Crítica) 27

4. Dossiê Crítico
   - 4.1 Henri Hubert (1872-1927), esse Desconhecido 93
     Christine Lorre
   - 4.2 Hubert, Durkheim, Mauss: Amizades e Filiações? 105
     Jean-François Bert
   - 4.3 Tempo Social e Categorias do Entendimento
     Rafael Faraco Benthien 111
   - 4.4 Biobibliografia de Henri Hubert 123

5. Anexos
   - 5.1 Texto Autobiográfico de Henri Hubert 133
   - 5.2 Resenha de Marcel Mauss 137
   - 5.3 Resenha de Jean Lafitte 141
   - 5.4 Resenha de Salomon Reinach 145
   - 5.5 Carta de Henri Hubert a Salomon Reinach (1906) 147
   - 5.6. Iconografia 149

6. Sobre os Colaboradores 151

7. Índices 153

1

Apresentação do Volume

RAFAEL FRANCO BENTHIEN
MIGUEL SOARES PALMEIRA
RODRIGO TURIN

Annus mirabilis! A expressão latina aplica-se bem a 1905, ao menos quando o assunto é tempo. Como ignorar, afinal, que nesse ano ocorreu a publicação da primeira Teoria da Relatividade de Albert Einstein, aquela que mais tarde será chamada "Especial" ou "Restrita"? O tempo, ao menos para certos ramos da física moderna, passou a ser compreendido como algo diferente de uma sucessão infinita de instantes homogêneos alinhados em determinado sentido. Passado, presente e futuro já não eram mais o que costumavam ser. Indissociável da posição de um observador e da velocidade da luz como limite insuperável, esse novo tempo da física foi redefinido como um dos critérios para se caracterizar objetos que se deslocam com velocidade constante. Posto que, afirmou então Einstein, relógios atrelados a esses objetos tendem a se dessincronizar uns em relação aos outros, o que depende apenas do sentido do movimento e das velocidades de seus portadores, não haveria mais como dissociar tempo e espaço. Um supõe o outro, o que impede que ambos sejam tomados como dimensões autônomas da realidade, independentes dos objetos aos quais se referem[1].

Ainda que certos físicos tenham formulado essas questões visando a dar conta de uma dimensão muito específica da realidade, pode-se, feitas as devidas ressalvas, evocar discussões análogas entre antropólogos, historiadores e sociólogos, portadores de saberes em vias de consolidação ou de renovação no início do século XX. Com efeito, entre uma e outra sociedade, ou mesmo no interior de uma mesma sociedade, constatam-se tendências tanto à "sincronização" quanto à "dessincronização" de relógios. Tudo se passa como se cada grupo social possuísse um movimento próprio, o que se traduz pela elaboração, a partir dos mais variados critérios, de

1. Cf. Albert Einstein, *Teoria da Relatividade Especial e Geral*, 1999; e, para uma análise mais geral, Étienne Klein, *O Tempo*, 1996.

calendários. Como esses critérios são determinados? O que define sua estabilidade ou sua transformação? E, por fim, quais tensões ou afinidades eles geram no seio de grupos que, cada qual com seu calendário, se encontram em relação uns com os outros?

Para fazer frente a esses problemas, os cientistas sociais colocaram também em xeque uma concepção linear e uniforme de tempo. As filosofias da história e a história evolucionista não escaparam às críticas, assim como não o fez a história puramente episódica. Não por acaso, consolidaram-se então conceitos-chave como "sociedade" e "cultura", os quais indicam a existência de padrões que, embora *a priori* supratemporais, exibem grande plasticidade. Mas se a percepção do tempo tende a variar de grupo a grupo, percebe-se igualmente que fenômenos sociais diferentes podem obedecer a calendários distintos. Estado, família, economia e religião não precisam supor um mesmo ritmo, ou mesmo um ritmo sempre constante. Complexifica-se, em suma, a reflexão acerca das permanências e das rupturas, do geral e do particular.

* * *

Nenhum outro texto tratou tão direta e precocemente do problema do tempo no âmbito das ciências sociais quanto o "Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia". Publicado, tal qual o artigo revolucionário de Einstein, em 1905, talvez seja o testemunho que melhor ilustra esse momento da sociologia francesa e o paralelismo com a física moderna.

Comecemos falando de seu autor, Henri Hubert. Parisiense, ele contava apenas 33 anos em 1905. Embora jovem, tratava-se de uma figura central entre os pesquisadores que, em torno de Durkheim, reivindicavam para si a etiqueta de *sociólogos*. Nesses "tempos heroicos" de consolidação de novas disciplinas era preciso, contudo, além de ambição e ousadia, um grande jogo de cintura na combinação de novos e de tradicionais saberes. Hubert enquadra-se com perfeição nesse cenário, ao fazer convergir, a partir de uma perspectiva sociológica, dados arqueológicos, etnográficos e históricos. Institucionalmente, ele ocupava desde 1898 um posto voluntário de conservador no Musée des Antiquités Nationales de Saint-Germain-en-Laye, famoso por suas coleções que vão do paleolítico ao medievo, atuando ainda, a partir de 1901, como professor e pesquisador na V Seção da École Pratique des Hautes Études [Escola Prática de Altos Estudos][2].

2. O título de sua cadeira, a que correspondia sua área de interesse, era *Religions primitives de l'Europe* [Religiões primitivas da Europa]. Hubert utilizou esse espaço para estudar as civilizações celta e germânica.

Desde o início de sua carreira, antes mesmo do contato com os sociólogos, os problemas religiosos ocupavam grande parte de seus trabalhos. O que é religião? O que é magia? Como elas se manifestam, para além de seu caráter geral, em cultos específicos? Em 1895 e 1896, ano em que começa sua amizade com Marcel Mauss nas salas de aula da École Pratique, Hubert atacou essas questões a partir de um estudo sobre a deusa síria, inspirado na confrontação do texto homônimo de Luciano de Samósata com outros textos e documentos epigráficos e arqueológicos. Ele planejava escrever uma tese sobre o tema, a qual jamais concluiu.

Na sequência, nesse mesmo campo investigativo, vieram os grandes textos escritos em colaboração com Mauss para a revista que ambos fundaram, e então ajudavam a editar, *L'Année sociologique*. Difícil encontrar um estudante das humanidades que jamais tenha ouvido falar do "Ensaio sobre a Natureza e a Função do Sacrifício" (1899) ou do "Esboço de uma Teoria Geral da Magia" (1904)[3]. Pedras angulares no edifício das ciências sociais, esses textos ainda hoje nos ensinam sobre as condições específicas que presidem o sentido e o funcionamento, no tempo e no espaço, de certos ritos. Eles também impressionam pela amplitude de suas propostas, voltadas igualmente à descrição e à análise de certos universais.

O "Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia" ganha em inteligibilidade se pensado como decorrência direta desses trabalhos originais. Embora tenha sido produzido sem Mauss, ele se insere em um programa coletivo de pesquisas traçado pelo núcleo duro do que chamamos hoje de "Escola Sociológica Francesa". Além dos textos já mencionados, não custa lembrar que Durkheim e Mauss já haviam atacado o problema das classificações sociais em 1903[4]; Mauss, sozinho, expandiu ainda o estudo sobre a magia ao discutir o amplo papel dado ao indivíduo nas práticas australianas, em 1904[5]. O próprio Hubert, nesse mesmo ano, dedicou-se à definição do

3. Henri Hubert e Marcel Mauss, "Ensaio sobre a Natureza e a Função do Sacrifício", em M. Mauss, *Ensaios de Sociologia*, 1981, pp. 141-227; e M. Mauss, "Esboço de uma Teoria Geral da Magia", em *Idem, Sociologia e Antropologia*, 2003, pp. 47-181.
4. Émile Durkheim e Marcel Mauss, "Algumas Formas Primitivas de Classificação", em M. Mauss, *Ensaios de Sociologia, op. cit.,* pp. 399-455.
5. M. Mauss, "L'origine des pouvoirs magiques dans les sociétés australiennes", em École pratique des hautes études, Section des sciences religieuses. *Rapport sommaire sur les conférences de l'exercice 1903-1904 et le programme des conférences pour l'exercice 1904-1905*, 1904, pp. 1-55. Para uma tradução em português, ver M. Mauss, "A Origem dos Poderes Mágicos nas Sociedades Australianas", em *Idem*, *Marcel Mauss: Antropologia*, 1979, pp. 60-101.

sagrado e da religião[6]. E há mais: esse horizonte de referências não é apenas subentendido, uma vez que Hubert cita ou evoca várias vezes tais textos e as noções/conclusões por eles consagradas.

E quanto ao tempo? Ora, o tempo do qual nos fala o autor é aquele suposto e marcado por práticas religiosas. Trata-se de um tempo não linear, capaz de conectar inexoráveis rupturas ao ideal de continuidades ou repetições absolutas. Um tempo sagrado, portanto, portador de qualidades, associado a ritmos que só fazem sentido para um observador bem posicionado, familiarizado com o calendário socialmente compartilhado que gerencia essa articulação complexa de instantes e de eternidades. O texto nos projeta justamente a esse universo específico. Cabe ao leitor julgar o quanto tais questões e soluções ainda continuam pertinentes.

* * *

Nesse julgamento, contudo, o leitor não estará sozinho. Com efeito, o "Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia" atravessou gerações de pesquisadores e teve sua (in) atualidade discutida em diversas ocasiões. Ao longo da vida do autor, ele foi publicado duas vezes. A primeira versão veio à luz, como afirmamos anteriormente, em 1905. Seu suporte foi o Anuário da V Seção da École Pratique des Hautes Études, o qual, além de conter informes sobre cursos ministrados e oferecidos, apresentava um trabalho original de um dos professores da casa[7]. Um novo suporte de divulgação surgiu quatro anos mais tarde, por ocasião da organização de uma coletânea de textos de Mauss e de Hubert sobre sociologia religiosa, publicada na coleção *Travaux de l'Année sociologique* [Trabalhos do *Année Sociologique*], coordenada por Durkheim na editora Félix Alcan. Referimo-nos aqui ao volume, jamais traduzido, intitulado *Mélanges d'histoire des religions*[8]. Na ocasião, Hubert fez pequenas modificações no texto, simplificando certas frases muito pesadas e insistindo com mais vagar em alguns exemplos esclarecedores. É sobretudo essa segunda edição do texto que circulou e continua a circular entre cientistas sociais, encora-

6. Henri Hubert, "Introduction", em P.-D. Chantepie de la Saussaye, *Manuel d'histoire des religions* (trad. da 2. ed. dirigida por Henri Hubert e Isidore Lévy), 1904, pp. V-XLVIII.
7. Cf. Henri Hubert, "Étude sommaire de la représentation du temps dans la religion et la magie", em École *pratique des hautes études, Section des sciences religieuses. Rapport sommaire sur les conférences de l'exercice 1904-1905 et le programme des conférences pour l'exercice 1905-1906,* 1905, pp. 1-39.
8. *Idem,* "Étude sommaire de la représentation du temps dans la religion et la magie", em H. Hubert e M. Mauss, *Mélanges d'histoire des religions,* 1909, pp. 189-229.

jados ainda pela reimpressão da obra em 1929, dois anos após a morte de Hubert, quando Mauss preparava sua vitoriosa campanha para ocupar uma cadeira de sociologia no Collège de France[9].

Nas primeiras décadas do século XX, esse texto participou tanto dos desenvolvimentos posteriores dos trabalhos da Escola Sociológica Francesa quanto da formação de seus herdeiros. Mauss cita seu amigo e colaborador por ocasião de seu estudo, produzido em colaboração com Henri Beuchat, sobre as sociedades esquimós (1906)[10]. Também Durkheim assume uma dívida para com Hubert em 1912, nas páginas de *As Formas Elementares da Vida Religiosa*[11]. O mesmo poderia ser dito de Stefan Czarnowksi, sociólogo polonês aluno de Mauss e de Hubert, o qual dá continuidade aos trabalhos deste ao investigar as festas relacionadas a São Patrício na Irlanda[12]. Certamente não seria exagero estender essa influência ainda a outros de seus alunos e colegas, os quais, não indiferentes ao problema do tempo, certamente se inspiraram no texto ora traduzido. Pensamos aqui em nomes do calibre de Georges Dumézil, Marcel Granet, Maurice Halbwachs, Raymond Lantier, Jean Marx e André Léroi-Gourhan.

Com a pulverização do projeto da Escola Sociológica nos anos que se seguem à Segunda Guerra Mundial, marcados pela ascensão do marxismo, do existencialismo e do estruturalismo na universidade francesa, os nexos que levaram novos leitores ao "Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia" passam a ser pouco visíveis. O texto não foi reimpresso, continuando a circular na França nas edições de 1909 e de 1929. Para além dos usos pontuais da obra, foi preciso esperar até 1979, quando François Isambert dedicou todo um artigo às teses de Hubert sobre o tempo, texto que certamente contribuiu para uma nova leva de interesse pela personalidade de Hubert e por essa faceta de seu trabalho[13]. Tal mudança de panorama pode muito bem ser verificada nos inú-

9. O que não impediu, contudo, uma acolhida geralmente bastante positiva do original. Ver a esse respeito os Anexos 2, 3 e 4 deste volume.
10. Cf. M. Mauss, "Ensaio sobre as Variações Sazonais das Sociedades Esquimós", em *Idem, Sociologia e Antropologia, op. cit.,* p. 502, nota 392. Mauss cita Hubert justamente na conclusão do trabalho, quando indica as similitudes entre suas teses sobre o caráter rítmico da vida dos esquimós e as teses de Hubert sobre o tempo social.
11. Cf. Émile Durkheim, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, 2003, p. 500, nota 5. A alusão a Hubert, na Introdução do trabalho, serve para ajudar a construir a hipótese de base do livro.
12. Ver o livro, baseado em tese defendida na França sob orientação de Hubert: S. Czarnowski, *Le culte des héros et ses conditions sociales. Saint-Patrick, héros national de l'Irlande*, 1919. Hubert escreve um longo prefácio à obra.
13. François Isambert, "Henri Hubert et la sociologie du temps", *Revue française de sociologie*, t. XX, 1979, pp. 183-204.

meros artigos e livros que, na última década, foram consagrados ao sociólogo francês, ou influenciados por suas ideias[14].

Fora da França, contudo, o texto conheceu traduções ao menos para o inglês[15] e para o espanhol[16]. No Brasil, embora tenha permanecido inédito, suscitou interesse. Destacamos a dissertação de Fernando Antonio Pinheiro Filho, defendida no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo[17].

* * *

Por tudo o que foi dito, vê-se bem que o "Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia" não foi propriamente "esquecido", como muitas vezes afirmaram tanto os críticos da escola durkheimiana, prontos a denunciar o "simplismo" do adversário, quanto seus admiradores, arvorando-se em descobridores de "novos-velhos clássicos". Aqui e ali, a partir de perspectivas que abarcam a etnografia, a história das ciências sociais e a epistemologia das ciências, o referido texto foi rediscutido, traduzido, apropriado.

Diante desse acervo de trabalhos realizados, há ainda espaço para mais uma tradução? Em caso afirmativo, qual seu sentido e seus propósitos?

Este volume visa a algo mais que apresentar ao público lusófono uma tradução ainda inédita em português. Não que essa tarefa seja, em si mesma, desprovida de valor. Trata-se, porém, de dar um passo adiante. Com efeito, em meio às edições francesas e às traduções estrangeiras, ainda não havia sido feito um estudo pormenorizado e crítico contrastando as duas edições do original francês publicadas ao longo da vida de Hubert. Esse estudo compõe um dos cernes do atual volume, reconstituindo a história do próprio texto. Por essa razão, uma edição bilíngue nos pareceu a

14. Ver, para mais detalhes, a Biobibliografia deste volume. Alguns dos autores mais atuantes nessa direção também colaboraram no Dossiê Crítico aqui incluído.
15. Identificamos, em língua inglesa, uma tradução recente, tendo por base o texto de 1905. H. Hubert, *Essay on Time*: *a Brief Study of the Representation of Time in Religion and Magic,* 1999.
16. Localizamos duas traduções para o espanhol, ambas tendo por base o texto de 1909. A mais antiga é*: Idem,* "Estudio Somero de la Representación del Tiempo en la Religión y la Magia", em H. Hubert e M. Mauss, *Magia y Sacrificio en la Historia de las Religiones*, 1946 (capítulo 6). A mais recente: *Idem,* "Estudio Sumario de la Representación del Tiempo en la Religión y la Magia", *Revista Española de Investigaciones Sociales*, n. 51, pp. 177-204, 1991 (trad. Ramón Ramos Torre).
17. Fernando Antonio Pinheiro Filho, *A Mente do Todo: O Encontro da Sociologia Durkheimiana com a Questão do Tempo*, 1996. Ver também artigo mais recente do mesmo autor: "Tempo de Sociologia e Sociologia do Tempo entre os Durkheimianos", *Teoria&Pesquisa*, vol. 46, pp. 139-159, 2005.

mais propícia. Além de disponibilizar o texto traduzido ao público não especializado, permitirá um estudo avançado do original francês. E há mais: toda tradução comporta sua dose de escolhas mais ou menos arbitrárias, as quais fazem dela um produto, em alguma medida novo, recriado. Ter à disposição o original francês possibilitará ao leitor minimamente familiarizado com essa língua controlar melhor as escolhas dos tradutores, marcando seus pontos de acordo e suas discordâncias. Este volume comporta igualmente um Dossiê Crítico, composto de artigos de especialistas, uma seção de Anexos e índices onomástico e temático.

* * *

O Dossiê Crítico incluído neste volume contém três estudos, os quais visam ora a apresentar ao público lusófono a trajetória de Henri Hubert e seu lugar no seio do projeto científico da Escola Sociológica Francesa, ora a tratar de aspectos mais circunstanciados de sua obra. Com efeito, e tal fenômeno não ocorre apenas no Brasil, Hubert permanece relativamente pouco conhecido pela maioria dos pesquisadores engajados nas ciências sociais. Em que pesem sua morte precoce e o caráter inacabado de muitos de seus projetos intelectuais, nada justifica que seu nome permaneça à sombra de Durkheim e, sobretudo, de seu amigo Mauss. Hubert, afinal, construiu uma obra própria. Como se isso já não bastasse, ele ainda imprimiu sua marca em textos produzidos coletivamente que, hoje tornados clássicos, continuam a ser visitados no ensino e na pesquisa em ciências sociais.

Os dois primeiros textos do Dossiê visam justamente a fornecer instrumentos para que o leitor possa melhor balizar o lugar e a especificidade de Hubert. A arqueóloga Christine Lorre, de início, retraça as linhas gerais de sua trajetória, indicando seus estribos sociais (familiares, escolares e intelectuais) e apresentando sumariamente sua carreira de professor-pesquisador, forjada no cruzamento entre a sociologia, a arqueologia, a etnografia e a história. O sociólogo Jean-François Bert, em seguida, atém-se mais às relações entre Hubert, Mauss e Durkheim, buscando assim ressaltar tanto as afinidades eletivas existentes entre os três, como suas particularidades. Por fim, o historiador Rafael Faraco Benthien destaca a articulação entre a pesquisa de Hubert sobre o tempo e as investigações mais gerais dos colaboradores de Durkheim sobre a sócio-lógica que preside o funcionamento do entendimento humano. Eis aí, em suma, uma série de pistas a serem seguidas para um melhor entendimento da ambição e do escopo do projeto de Hubert e, por extensão, de toda a "Escola Sociológica Francesa".

* * *

Ao lado dessas análises contemporâneas, o leitor ainda encontrará neste volume uma sequência de cinco documentos de época traduzidos na seção de anexos, todos ligados direta ou indiretamente ao "Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia". O primeiro e o mais recente deles é justamente a tradução da nota autobiográfica escrita por Henri Hubert em 1915, logo antes de sua mobilização para a Primeira Guerra Mundial. Texto emocionante, embora breve, ele fora originalmente endereçado ao filho mais velho do autor. Na iminência da partida e temendo não voltar, Hubert colocou então no papel as grandes linhas de seu trabalho, comentando ainda detalhes de sua trajetória e de seus colaboradores mais próximos.

Os três textos que se seguem datam, por seu turno, do biênio 1906-1907. Trata-se das reações, localizadas durante a preparação deste volume, todas em forma de resenhas, à publicação original de Hubert[18]. A primeira e a mais recente delas é aquela que o próprio Mauss publicou no *L'Année sociologique,* em 1907. Não deixa de ser interessante notar aqui como, ao lado dos elogios ao amigo e colaborador, ele lhe dirige críticas. A segunda resenha, por seu turno, foi publicada um ano antes por Jean Lafitte na revista *L'Anthropologie*. Muito mais elogioso que o texto de Mauss, seu autor produz um resumo bastante completo e preciso do trabalho original. Em seguida, o leitor encontrará a resenha de Salomon Reinach, publicada no início de 1906 em *Revue critique d'histoire et de littérature*. Esse material permite identificar os pontos sensíveis do trabalho de Hubert aos olhos de alguns de seus contemporâneos. Em outras palavras, ajuda a historicizar o texto, sinalizando o estado das questões com o qual o autor teve de se haver no momento da escrita.

Por fim, encerrando o bloco de Anexos, o leitor ainda terá acesso a uma carta de Hubert a Reinach, localizada nos arquivos Reinach depositados na Bibliothèque Méjanes, em Aix-en-Provence (caixa 84). O mote da carta é justamente a resenha que Reinach acabara então de publicar.

18. Entre os textos não incluídos aqui, recomendamos consultar o balanço da sociologia religiosa produzido em 1906 por Henri Berr. Nele, o estudo de Hubert sobre o Tempo é rapidamente evocado. H. Berr, "Les progrès de la sociologie religieuse", *Revue de synthèse historique*, n. 34, pp. 16-43, 1906. (O "Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia" é discutido nas páginas 38 e 39.)

2

Nota sobre a Tradução e o Aparato Crítico

Para o estabelecimento desta edição, utilizamo-nos das duas versões de "Étude sommaire de la représentation du temps dans la religion et la magie" ("Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia") publicadas em vida do autor. Ambas as versões foram aqui associadas a letras, tal como indicamos:

A = HUBERT, Henri. "Étude sommaire de la représentation du temps dans la religion et la magie". *École Pratique des Hautes Études, Section des sciences religieuses. Rapport sommaire sur les conférences de l'exercice 1904-1905 et programme des conférences pour l'exercice 1905-1906*. Paris, EPHE, 1905, pp. 1-39.

B = HUBERT, Henri. "Étude sommaire de la représentation du temps dans la religion et la magie". HUBERT, Henri & MAUSS, Marcel. *Mélanges d'histoire des religions*. Paris, Félix Alcan, 1909, pp. 189-229.

O texto em francês aqui reproduzido e traduzido é o da versão mais recente, "B". Sua paginação original foi mantida, encontrando-se devidamente sinalizada no corpo do texto em francês entre barras comuns (exemplo: /189/). As notas de rodapé foram ainda mantidas em seu formato original. Quanto às variações entre a edição de 1905 e a de 1909, todas foram indicadas na versão em francês com números romanos sobrescritos ([I]), signo que remete sempre a uma nota de rodapé. Nessas notas, o leitor encontrará reproduzido o estado do texto em "A", ao que se segue a paginação desta edição.

O texto em português apresenta também intervenções dos tradutores. Estas são indicadas tanto com números romanos sobrescritos ([I]), remetendo a uma nota de rodapé, quanto com colchetes ([...]), sobretudo quando se trata de traduções ou comentários em notas já existentes.

3

Estudo Sumário da Representação do Tempo na Religião e na Magia

(Edição Bilíngue e Crítica)

HENRI HUBERT

LANÇAMENTO 2016

ESTUDO SUMÁRIO DA REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NA RELIGIÃO E NA MAGIA

de Henri Hubert

(Edição Bilíngue e Crítica)

Adquira o livro através dos canais de venda da Edusp

TELEMARKETING
eduspliv@usp.br

LIVRARIA EDUSP
www.edusp.com.br/livraria.asp

Mais informações em
www.edusp.com.br

edusp